

The background of the cover is a dramatic sunset or sunrise over a battlefield. The sky is a mix of orange, yellow, and dark grey, with some lens flare effects. In the foreground, the silhouettes of several medieval warriors are visible. Some are on horseback, while others are on foot. They are holding various weapons like swords, spears, and axes. The overall mood is one of historical action and conflict.

*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S478 Sentidos e sujeitos: elementos que dão consistência à história 2 / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-650-8

DOI 10.22533/at.ed.508201112

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Espírito Santo, Janaína de Paula do (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Conhecer, é estabelecer sentido. O ato de viver, quando ultrapassa a esfera da sobrevivência, é portanto o ato de conhecer e dar sentido ao mundo e as pessoas. Esse conhecimento não é abstrato, visto que o modo com que nos relacionamos com o conhecimento tem um impacto direto no processo de ensino aprendizagem e também no modo como encaramos os espaços de construção do conhecimento como todo. Há, da mesma maneira uma diferença no tratamento que damos à tensão existente entre a informação produzida pela ciência e aquela a que temos acesso cotidianamente, que reside exatamente na conexão que estamos dispostos a reconhecer entre o conhecimento, a informação e a experiência cotidiana dos indivíduos. De maneira geral, essa relação é vista atualmente, como um elemento de embates e resistências, em uma dinâmica própria, que não é sempre harmônica. Essa espécie de tensão é particularmente visível no momento em que vivemos: há uma espécie de conservadorismo que está em crescimento no Brasil atualmente se alimenta dela, e que se coloca, muitas vezes como resistente a ciência de referência e aos consensos científicos reconhecidos. Há uma factualização das informações que passam a fazer sentido para o indivíduo validadas especialmente pela sua própria experiência com o real. Assim, os “espaços de domínio público” do conhecimento vem ganhando cada vez mais dimensão no processo da formação de opiniões, posicionamentos e referenciais das pessoas.

Esse movimento não é um fenômeno apenas nacional, mas se verifica em diferentes partes do globo, o que demonstram a necessidade uma reflexão constante sobre todo esse processo de construção de verdades e sentidos do pensamento humano sobre o mundo. Se o pensamento é construído no espaço de relação entre as pessoas, no reconhecimento e na interação dos indivíduos, esse também é um espaço que deve ser foco de estudos e reflexões. É na relação, no reconhecimento e na exploração da construção de sentido dos grupos humanos e entendimento de que os sujeitos estão a todo momento dando sentido à sua realidade (que portanto, se está contido na maneira em que cada indivíduo constrói sua experiência de mundo e do conhecimento) que a história adquire profundidade, riqueza e forma. É dessa experiência que os saberes históricos constroem seus significados e sua relevância para as pessoas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura
Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“NÃO FORAM OS DEUSES, NEM FOI A MORTE DE DEUS, NÃO FOI O JABÁ DA ACADEMIA QUE MATOU A POESIA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A JUVENTUDE NA PÓS-MODERNIDADE

Marlon Jose Gavlik Mendes

DOI 10.22533/at.ed.5082011121

CAPÍTULO 2..... 13

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA MARXIANA NA EMANCIPAÇÃO DA MULHER NO CAMPO DE TRABALHO ANTE A OPRESSÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA

Renata Reis de Lima

Jenucy Espíndula Brasileiro

DOI 10.22533/at.ed.5082011122

CAPÍTULO 3..... 23

A FAMÍLIA COMO BASE: NACIONALISMO, EXÉRCITO E EDUCAÇÃO

Felipe Varzea Lott de Moraes Costa

DOI 10.22533/at.ed.5082011123

CAPÍTULO 4..... 33

EL FERROCARRIL, PARAJES DE LA HISTORIA EN EL NORTE DE MÉXICO, VILLA PASO DEL NORTE, 1880

Lidia G. Sandoval Rivas

Luis Herrera Terrazas

DOI 10.22533/at.ed.5082011124

CAPÍTULO 5..... 44

A MEMÓRIA AIKEWARA DO TEMPO DA GUERRA E OUTROS TEMPOS NO ARAGUAIA

Nadine Borges

Wilson Madeira Filho

Ana Motta Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.5082011125

CAPÍTULO 6..... 58

A MORADA NORDESTINA: A ARQUITETURA COMO PARTE DA PAISAGEM E INDENTIDADE

Gabriela de Sousa Vieira

Miriam Ferreira de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.5082011126

CAPÍTULO 7..... 68

AS MARAVILHAS EM *EMBAIXADA A TAMERLÃO (1406)*

Jorge Luiz Voloski

Sofia Alves Cândido da Silva

Lucas Vieira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.5082011127

CAPÍTULO 8	82
AS MARCAS DA DITADURA NO CONTEXTO SOCIAL DA HISTÓRIA E SUAS SOMBRAS NA CONTEMPORANEIDADE Daniel de Oliveira Perdigão DOI 10.22533/at.ed.5082011128	
CAPÍTULO 9	86
ASPECTOS DA HISTÓRIA CULTURAL E AS CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CHARTIER Odair Vieira da Silva DOI 10.22533/at.ed.5082011129	
CAPÍTULO 10	99
ASTRONOMIA CULTURAL: UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE E SOB OS CÉUS DO BRASIL Flavia Pedroza Lima Rundsthen Vasques de Nader DOI 10.22533/at.ed.50820111210	
CAPÍTULO 11	106
BELEZA NAS ALTURAS: AEROMOÇAS E UNIFORMES NA ESTÉTICA DO BEM VESTIR Felipe Bastos Maranezi Natalia Scarabeli Zancanari DOI 10.22533/at.ed.50820111211	
CAPÍTULO 12	116
CAMINHOS DA MODERNIDADE: A AMAZÔNIA SOB OS SIGNOS DE UM TEMPO ACELERADO (1915-1940) Leticia Souto Pantoja DOI 10.22533/at.ed.50820111212	
CAPÍTULO 13	135
CHRISTINE DE PIZAN E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA GUERRA Carmem Lúcia Druciak DOI 10.22533/at.ed.50820111213	
CAPÍTULO 14	146
CIDADE SINOP, MATO GROSSO: NO/PELO DISCURSO DO IMPRESSO JORNAL HOJE, A CONSTRUÇÃO DE UMA TERRA DE PROGRESSO E OPORTUNIDADE Leandro José do Nascimento DOI 10.22533/at.ed.50820111214	
CAPÍTULO 15	159
CINEMA, HISTÓRIA E CRÍTICA: APONTAMENTOS SOBRE ÉLIE FAURE Erivan Cassiano Karvat DOI 10.22533/at.ed.50820111215	

CAPÍTULO 16.....	171
CONSERVADORES X MODERNISTAS: OS EMBATES ENTRE OS CONCÍLIOS PROTESTANTES ESTADUNIDENSE NO SÉCULO XX	
José Roberto de Souza Paulo Julião da Silva Stefano Alves dos Santos Josielson Lira Matos	
DOI 10.22533/at.ed.50820111216	
CAPÍTULO 17.....	183
DIALÉTICA CULTURAL ESPIRALADA: <i>CONSTRUCTO</i> PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
Nicolas Theodoridis	
DOI 10.22533/at.ed.50820111217	
CAPÍTULO 18.....	194
INFÂNCIAS TRADICIONAIS NEGRAS NA HISTÓRIA BRASILEIRA	
Mariane Oliveira Nunes Valéria Amim	
DOI 10.22533/at.ed.50820111218	
CAPÍTULO 19.....	203
MOVIMENTO EMANCIPACIONISTA NA DÉCADA DE 1980, MEMÓRIA E IDENTIDADE, A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO NAS VOZES DA COMUNIDADE JAPERIENSE COMO UMA HISTÓRIA PÚBLICA	
Adna Gomes Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111219	
CAPÍTULO 20.....	214
O CÉU DO INDÍGENA BRASILEIRO - UMA ASTRONOMIA CULTURAL	
Marcelo Augusto do Amaral Ferreira Rundsthen Vasques de Nader Luiz Carlos Borges	
DOI 10.22533/at.ed.50820111220	
CAPÍTULO 21.....	220
O COMÉRCIO E A EVOLUÇÃO ESPACIAL DAS ÁREAS CENTRAIS DAS PEQUENAS CIDADES: O CASO DE PORTALEGRE	
Miguel Castro	
DOI 10.22533/at.ed.50820111221	
CAPÍTULO 22.....	243
O SOL NASCENTE EM TERRA TUPINAMBÁ: A EXPERIÊNCIA DE IMIGRANTES JAPONESES DO MARANHÃO NA DÉCADA DE 1960	
Hemelita da Silva e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111222	

CAPÍTULO 23	255
ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO: ASPECTOS HISTÓRICOS (1980-2008)	
Odair Vieira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111223	
CAPÍTULO 24	268
PLURALISMO NA CIÊNCIA ECONÔMICA OU UM ESTADO TRANSITÓRIO EM DIREÇÃO A UM NOVO <i>MAINSTREAM</i> PÓS-NEOCLÁSSICO?	
Marcelo de Carvalho Azevedo Anache	
Luiz da Costa Laurencel	
Carlos Benevenuto Guisard Koehler	
DOI 10.22533/at.ed.50820111224	
CAPÍTULO 25	277
MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E SOCIOCULTURAIS NA FESTA DA SANTA CRUZ PADROEIRA DO MUNICÍPIO DE TAQUARANA-AL	
Ana Cristina de Lima Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111225	
CAPÍTULO 26	284
UNIDOS PELA DEMOCRACIA: AS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO E OS ENREDOS POLÍTICOS NA DÉCADA DE 1980	
Guilherme José Motta Faria	
DOI 10.22533/at.ed.50820111226	
CAPÍTULO 27	299
VISITAÇÕES TUMULARES E SIGNOS DE COMUNICAÇÃO: UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA E SENSÍVEL	
Marcia Regina de Oliveira Lupion	
DOI 10.22533/at.ed.50820111227	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	310
ÍNDICE REMISSIVO	311

A MORADA NORDESTINA: A ARQUITETURA COMO PARTE DA PAISAGEM E IDENTIDADE

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 15/10/2020

Gabriela de Sousa Vieira

Universidade Federal Rural do Semi-árido -
UFERSA
Fortaleza – CE
<http://lattes.cnpq.br/5337487496317182>

Miriam Ferreira de Oliveira

Universidade Federal Rural do Semi-árido -
UFERSA
Mossoró – RN
<http://lattes.cnpq.br/1820004483863100>

RESUMO: Esse artigo procura relacionar o estudo do clima na arquitetura com as alterações no modo de construir e morar do semiárido, buscando entender do ponto de vista do conforto ambiental os impactos que as atuais práticas construtivas trazem para a região. Além disso, gera um debate acerca dos efeitos que tais alterações provocam nos indivíduos. É nesse contexto que a pesquisa se constitui, buscando verificar se as técnicas utilizadas se assemelham às tradicionais construções avaliando o conforto, a cultura local e a identidade cultural. O objeto de estudo dessa pesquisa é o bloco de professores da UFERSA localizado no Campus Pau dos Ferros/RN, comparou-se o edifício com o modo de construir da arquitetura vernacular, por meio das características construtivas das casas de fazenda, buscando mostrar que a inserção de elementos não pertencentes à região e a não

utilização de materiais encontrados nela faz com que se tenha início um processo de perda de identidade. Também foi aplicada a NBR 15220 como respaldo para analisar se o edifício está dentro dos parâmetros do conforto térmico, imprescindível para habitar a região de clima quente e seco.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura bioclimática, clima quente e seco, conforto térmico.

THE NORTHEASTERN ADDRESS: ARCHITECTURE AS PART OF LANDSCAPE AND INDENTITY

ABSTRATC: This article seeks to relate the study of the climate in architecture with the changes in the way of building and living in the semi-arid region, seeking to understand from the point of view of environmental comfort the impacts that the current constructive practices bring to the region. Moreover, it generates a debate about the effects that such changes provoke in individuals. It is in this context that the research is constituted, seeking to verify if the techniques used are similar to traditional constructions by evaluating comfort, local culture and cultural identity. The object of this research is the block of professors of UFERSA located in the Campus Pau dos Ferros/RN, compared the building with the way of constructing the vernacular architecture, through the constructive characteristics of the farm houses, trying to show that the insertion of elements not belonging to the region and the non-use of materials found in it causes a process of loss of identity. NBR 15220 was also applied as a support to analyze if the building is within the

parameters of thermal comfort, essential to inhabit the region of hot and dry climate.

KEYWORDS: Bioclimatic architecture, hot and dry climate, thermal comfort.

1 | INTRODUÇÃO

O estudo do clima surge como meio de proporcionar um melhor entendimento acerca das características locais onde será implantada alguma edificação/projeto. Com isso, a arquitetura busca agregar e aproximar a relação homem/clima utilizando os conceitos de clima e conforto ambiental. A ideia de conforto térmico está relacionada à maneira na qual o usuário se sente bem e confortável no interior de um edifício. Esse bem-estar é proporcionado por estratégias de conforto utilizando técnicas artificiais e naturais para a satisfação do usuário. Em alguns lugares as técnicas naturais são mais recomendadas e quando isso acontece deve-se aplicar os conceitos da bioclimatologia que busca uma interação entre clima e seres vivos. Buscando atender à essas necessidades, na década de 70, os irmãos Olgay aplicaram a bioclimatologia na arquitetura criando o termo “projeto bioclimático”. De maneira geral, tal técnica busca implantar os benefícios das variáveis climáticas como forma de proporcionar conforto aos moradores. A partir disso, foram desenvolvidos estudos onde são sugeridas formas ou maneiras de adaptar a arquitetura ao clima local.

Cada região ou cidade apresenta variações climáticas diferentes, portanto, para cada local é necessário fazer um estudo sobre a influência das variáveis climáticas. Apesar de pertencerem à mesma região, um estado ou até mesmo uma cidade podem apresentar diferenças climáticas significativas. Desse modo, não é possível aplicar as mesmas técnicas em locais diferentes, portanto, cada município requer um estudo sobre suas características climáticas. Em contrapartida a situações e lugares em que não há maneiras de avaliar as características climáticas, são utilizados dados de uma cidade próxima e que apresenta características semelhantes e por meio de aproximações obtém-se os dados esperados. (Eficiência energética na arquitetura, 3º edição).

O modo de construção utilizado no semiárido busca técnicas que aperfeiçoem as moradas, porém a alteração de materiais, tanto construtivos quanto decorativos é feita sem ter como base o estudo do local, do clima e da cultura. Essa inserção de elementos como materiais e técnicas não pertencentes à região corrobora com a sensação de desconforto, bem como com o aumento da perda de identidade local, processo que desestimula a diversidade cultural do País.

2 | OBJETIVO

Esta pesquisa tem como principal objetivo relacionar o modo de construção do semiárido como parte integrante de sua identidade e paisagem, servindo, também, como base para aprofundar o debate acerca de um tema indispensável para a afirmação cultural

da identidade do sertão. O prédio avaliado é um modelo das atuais construções que se destacam na região semiárida, portanto, esse estudo também tem o intuito de averiguar se as técnicas utilizadas possuem os mesmos resultados das construções tradicionais quanto ao clima, conforto e identidade cultural uma vez que houveram alterações no material e no modo de construção ao longo dos anos.

3 | METODOLOGIA

A metodologia aplicada nessa pesquisa se deu inicialmente pela análise a planta baixa do bloco de sala dos professores, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, campus Pau dos Ferros, pela facilidade ao acesso às plantas do edifício e que esse foi construído com materiais e técnicas tradicionais, podendo ser utilizado como modelo para o método comparativo com as características construtivas e representativas das edificações vernaculares. A partir da NBR 15220, norma que trata do desempenho térmico das edificações foi analisado o bloco dos professores, a fim de verificar se o material utilizado em sua construção, a espessura da cobertura e paredes bem como o tamanho das aberturas das janelas estavam de acordo com as normas especificadas pela NBR 15220 para a região onde ela está inserida (Zona Bioclimática 7). Foram utilizados métodos comparativos como meio de analisar se os critérios de construção foram pensados visando o clima da região do oeste potiguar. A da pesquisa consistiu-se em revisões bibliográficas acerca das casas de fazenda, bem como análises dos materiais que foram utilizados para a construção, se respaldando na NBR 15220, e ainda a planta baixa do bloco dos professores com o intuito de obter informações sobre o método construtivo e se o projeto continha características que proporcionam conforto térmico aos seus usuários.

4 | DESENVOLVIMENTO

4.1 A arquitetura como parte da formação da paisagem do semiárido

A paisagem é o conjunto de elementos que formam o espaço, dos quais fauna e flora e ainda as edificações fazem parte, uma vez que a interação entre homem e o meio natural se dá pela materialização da morada, ou seja, “A paisagem é, evidentemente, uma produção humana, caracterizando-se como um conjunto de elementos/objetos interligados” (SERPA, 2010).

Para (Mascaró, 2010), define-se como paisagem um espaço aberto que se abrange com um só olhar. A paisagem é entendida como uma realidade ecológica, materializada fisicamente num espaço que se poderia chamar natural (se considerado antes de qualquer intervenção humana), no qual se inscrevem os elementos e as estruturas construídas pelos homens, com determinada cultura, designada também como “paisagem cultural”.

O conceito de paisagem então pode ser dividido entre paisagem natural e paisagem cultural, a primeira são os elementos naturais e geográficos como relevo, vegetação entre outros, já a paisagem cultural diz respeito as alterações e inserções que homem realiza no meio natural resultando no surgimento dos espaços urbanos.

O surgimento desses espaços pode ser melhor compreendido quando caracterizamos essas paisagens culturais no âmbito mais regional, de maneira a proporcionar um melhor entendimento sobre como as transformações no meio natural influenciam no surgimento da identidade de um lugar e no modo de viver e morar de cada região.

No semiárido, o modo de morar é caracterizado pelo clima seco, pela falta ambulância de água/chuva e pela vegetação rala. Essas características locais proporcionaram algumas tipologias de habitação ao longo dos anos, passando por diversas influências e modificações.

“Ao visitar algumas cidades do interior nordestino encontramos problemas muito comuns em diversos lugares, mesmo nos casarios mais antigos vemos uma cópia dos casarios antigos do Recife e nos atuais cópias de modelos de diversas regiões aqui para a região sem qualquer adaptação a situação local da edificação.” (CARVALHO, 2013).

Hoje, com mais preocupação o modo de construir e de morar é ainda mais distante do que seria ideal para o semiárido, a facilidade de acesso a materiais não convencionais da região aliado ao desejo das novas tendências e modos de viver entre outros quesitos que parecem de primeira vista positivos corroboram para uma arquitetura paisagística ilegítima que não condiz com as necessidades de conforto para a região.

Nesse sentido de aliar conforto ao clima quente e seco do semiárido entende-se a necessidade de retomar o modo de construir das antigas casas de fazenda, estas que foram os modelos de casas que mais se adaptaram aos conceitos de conforto para a região em estudo.

4.2 As tradicionais casas de fazenda

As casas de fazenda utilizam elementos tradicionais do interior do semiárido, datam do século XIX e XX, em que a construção era baseada na observação das características do clima local. Tal tipo de residências eram erguidas utilizando materiais da região a qual estavam inseridas atribuindo-lhes um caráter local. Esse modo de construção é conhecido como arquitetura vernacular, esta que utiliza os recursos do próprio ambiente em que a edificação será construída.

Esses tipos de habitação possuem atributos que amenizam a sensação de desconforto térmico. Isso se deve ao tipo de material empregado em sua construção e aos elementos construtivos inseridos, tais como: varandas que auxiliavam no sombreamento e esfriamento das paredes externas, pé direito mais alto que fazia com que houvesse uma maior circulação de ar, entre outros. Os tipos de materiais usados nesses edifícios apresentavam espessuras maiores, tanto nas paredes quanto nas coberturas. Essas

características atrasavam a entrada de calor na casa, pois serviam como barreiras, o chamado atraso térmico.

Durante o dia, período em que as temperaturas eram mais altas, a espessa camada das paredes impedia que o calor entrasse rápido no interior da edificação, retardando assim a sua chegada e fazendo com que a parte interna se mantivesse mais confortável. A mesma técnica era utilizada no telhado e apresentava o mesmo efeito, aliado ainda a altura do pé direito da casa que permitia uma maior ventilação e diminuía o desconforto.

Durante a noite, quando as temperaturas são mais amenas, e o calor da parede já tem chegado ao interior, é necessário utilizar a ventilação cruzada, isso faz com que ocorra a circulação do vento e a retirada do ar quente, porém esse tipo de ventilação deve ser seletiva, ou seja, só deve ser usada durante a noite porque o vento é mais frio, caso ocorra durante o dia, entrará mais calor na edificação, proporcionando a sensação inversa

As varandas das casas de fazenda são ótimos meios de proporcionam a interação do homem com a paisagem natural do sertão, também serviam como grandes sombreamentos, pois impedia que o calor tivesse contato direto com a fachada das casas, além de serem altas, aumentando a circulação do ar na residência. As características empregadas na construção desses tipos de casas eram baseadas na observação do clima local de forma a criar um ambiente termicamente confortável, tornando a casa de fazenda a típica e mais antiga arquitetura residencial a apresentar técnicas de conforto.



Imagem 01 – Casas de Fazenda

Fonte: Nascimento Et al (2013).

5 | RESULTADOS E ANÁLISES

As tradicionais casas do sertão nordestino estão sendo modificadas, o modo de morar que agrega identidade e características regionais estão cada vez mais se aliando à novas técnicas construtivas e que se diferem das antigas moradas. Residências que eram feitas a partir da observação do clima e da valorização da paisagem para a sua

construção, hoje dão lugar à técnicas de conforto que utilizam a tecnologia como uma forma de melhorar a relação clima-usuário.

Determinadas mudanças agregam na construção da cultura local, no entanto, a perda de identidade se dá com a disposição da forma, a não utilização de materiais regionais e no modo de construção. As mudanças nos métodos construtivos ficam visíveis através da dificuldade em encontrar semelhanças com as antigas casas de fazenda no quesito ambiente-conforto, pois elas utilizavam materiais da região e a partir da observação determinavam o modo construtivo.

5.1 Tamanho das aberturas

A região onde está inserida a UFERSA, campus Pau dos Ferros, onde, de acordo com as condições de conforto térmico, são indicadas, para as edificações, pequenas, aberturas sombreadas durante todo o ano, além de paredes e coberturas grossas e pesadas.

A NBR 15220 detalha as estratégias de condicionamento térmico exclusivas para cada zona, que são separadas por códigos. As letras H e J mencionam o resfriamento evaporativo e ventilação seletiva, respectivamente, como formas de estratégias para amenizar a sensação de calor. A letra K, também um código de estratégias, menciona o uso de resfriamento artificial como forma de amenizar o desconforto quanto ao clima.

De acordo com a NBR 15220, onde são apresentados os critérios para a classificação bioclimática é obrigatório o uso da estratégia H para o conforto térmico na zona 7. Ela determina que os prédios devem ser construídos com aberturas pequenas e paredes e coberturas pesadas para haver atraso térmico fazendo com que o calor armazenado durante o dia seja devolvido para o exterior a noite, quando as temperaturas estiverem mais baixas.

Edificações que desconsideram o clima local tendem a gerar desconforto ao usuário e um consequente aumento no gasto de energia. Uma boa arquitetura deve considerar uma análise climática de tal maneira que o projeto responda às necessidades de conforto. Tal estudo deve considerar as variáveis ambientais e climáticas que consistem em: radiação solar; temperatura do ar; vento e umidade.

A relação de compreensão entre o meio/clima e o edifício construído não pode ser deixada de lado, o fato de evoluirmos tecnologicamente e podermos construir a partir de novas técnicas e materiais modernos é bastante positivo, contanto que se saiba aliar tais avanços com o estudo da bioclimatologia de forma a gerar edificações com eficiência energética e que condizem com o contexto cultural da região.

As salas possuem 17,12m² e área e as aberturas pertencentes à elas de 17,12m² possuem 26,8604% da área de piso e as de 16,75m², 27,5820%. No entanto, o tamanho das janelas estão fora do parâmetro, pois ultrapassam 25% da área total, ficando um pouco acima da porcentagem para aberturas médias, não estando de acordo com os critérios estabelecidos pela norma para adequação da edificação quanto ao clima local.



Imagem 02 – Bloco de salas dos professores da UFERSA, campus Pau dos Ferros

Fonte: Autores (2018).

Em locais de clima semiárido, no verão, deve-se adotar a ventilação cruzada, porém de maneira seletiva, devido a temperatura diurna ultrapassar 32°C , para não armazenar calor. A ventilação noturna é mais indicada. Portanto, para amenizar a sensação de desconforto, a porta, também, deve permanecer aberta para que haja a circulação do ar. Outra forma de aumentar a sensação de conforto, caso a ventilação natural não seja suficiente, seria a climatização artificial o local. As salas do bloco dos professores possuem ar-condicionado melhorando a sensação térmica.

5.2 Espessura das paredes

Analisou-se as paredes, a fim de avaliar a transmitância térmica. Os dados colhidos sobre as especificações dos materiais utilizados na construção do bloco foram tijolos de 8 furos assentados na menor dimensão e argamassa de 2,5 em cada lado. Com isso, os demais dados foram retirados do Manual PB edifica e da NBR 15220 para conclusão dos cálculos com o intuito de saber se o local atende aos parâmetros de conforto estabelecidos pela norma. Os valores podem apresentar um percentual mínimo de erro, levando em consideração que as medidas utilizadas não foram aproximações, já que não foi possível o acesso total a especificação dos materiais, logo contou-se com valores aproximados para a análise. Além do material cerâmico, encontram-se, também, pastilhas cerâmicas em algumas áreas, porém elas não foram contabilizadas para o cálculo da transmitância porque não cobrem toda a superfície da parede em suas dimensões horizontal e vertical.

Para a zona bioclimática 7, o recomendado pela norma são paredes pesadas que possuam transmitância térmica mínima para que ocorra um atraso do calor e consequentemente a demora do aquecimento interno do edifício. Para obter o resultado final é necessário saber primeiro a resistência térmica da parede e a total e, posteriormente, é calculada a transmitância.

Para o cálculo, foram utilizadas as dimensões dos tijolos usados na construção do bloco, além de valores específicos dos coeficientes de cada material (Os dados referentes aos coeficientes dos materiais também foram retirados da norma 15220). Calculou-se, inicialmente, a resistência térmica da parede seccionando o tijolo e o material que estava vinculado à ele em 3 partes e realizado o cálculo da área de cada seção. A partir desses valores, foi possível obter a resistência total da parede e a transmitância térmica como produto final dessa avaliação.

O valor obtido da transmitância térmica está acima do estabelecido, implicando que o prédio não está de acordo com os parâmetros impostos pela norma para a zona em que está inserido. A transmitância está relacionada ao atraso térmico, que é o tempo, em horas, que o calor demora para chegar no interior do edifício.

5.3 Espessura das coberturas

Na análise da cobertura não foram fornecidas informações a respeito do material utilizado, portanto será feita apenas uma análise, de acordo com a NBR 15220, do tipo de cobertura apropriada para prédios da zona bioclimática 7, onde está inserido o bloco avaliado.

Os telhados ou coberturas mais espessas na região do semiárido permitem não atraso do calor para área interna, assim como um pé direito alto que proporciona uma maior circulação de ar dentro do local.

A cobertura (considerando todo o conjunto de telhas, forro e ático, como estabelecido pela norma) deve ser pesada ou mais grossa para proporcionar um atraso térmico.

5.4 Análise do prédio como meio modificador da paisagem

A forma do bloco segue linhas mais retas, e um padrão de matérias e acabamentos estabelecido pela universidade em todos os campos, estes que não dialogam com o entorno e demais blocos. Há uma separação da paisagem e do usuário, ficando este último isolado das demais construções locais, diferente do conceito de integração das antigas construções vernaculares que tinham contato direto com o meio através das longas varandas que cercavam toda a edificação.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As alterações nas técnicas de construção e suas conseqüentes transformações na maneira de ver o meio em que vive o homem do sertão são perceptíveis devido à estrutura dos novos prédios, materiais utilizados, bem como de uma visível perda da identidade e cultural de uma região.

No entanto, essas mudanças podem, também, agregar à cultura local, sem modificá-la, desde que na concepção do projeto seja considerado a unificação da forma com o meio de modo a manter a identidade local. Resgatando assim a chamada arquitetura vernacular

que vem com técnicas passadas de geração em geração nos ensinando que mais do que nunca precisamos praticar a arquitetura sustentável, utilizando materiais orgânicos e locais, respeitando a singularidade de cada região para obtermos o máximo de eficiência energética e conforto possíveis.

A análise no bloco dos professores serviu para que possamos entender a importância da aplicabilidade da NBR 15220 e constatar que o conforto térmico assim como as técnicas de construção tem impacto direto na vida do homem, fazendo-se necessária essa relação entre arquitetura e clima.

A sensação de bem-estar no ambiente construído e o que ele agrega para a comunidade deve ter uma relação harmônica, podendo a falta desse gerar interferência na identidade e cultura local. Desde os modos mais convencionais até as novas maneiras de se construir, tendo como aliada a tecnologia, o homem busca estreitar os laços entre o meio em que se vive, porém algumas características do modo de construir do semiárido vem sendo perdidas, devido a não utilização de materiais da própria região, a quebra de relação com a paisagem, entre outros fatores.

Ressalta-se então a importância do arquiteto, engenheiro ou construtor de se informar e conhecer a região, para que ao projetarem no semiárido possam atender as necessidades de habitabilidade da região, as suas potencialidades naturais e assim elaborem propostas ideais de residências, com inovações construtivas de baixo impacto ambiental e materiais adequados para o clima da região, sendo possível assim habitações verdadeiramente sustentáveis no contexto do semiárido.

Apartir do exposto entende-se que a morada nordestina está além de paredes levantadas, a morada nordestina é feita do conjunto de características que formam sua identidade. A relação do nordestino com o clima, a seca e os hábitos cria a paisagem do sertão. Uma paisagem que precisa resistir para existir.

A partir do exposto nas análises o valor obtido da transmitância térmica está acima do estabelecido as análises do objeto de estudo deste trabalho mostraram que o mesmo apresenta valores que o aproximam de uma construção que não foi pensada para a região, sendo preciso o uso de aparelhos que melhorem a sensação de bem-estar como aparelhos de ar condicionado, bem como cortinas que controlem a entrada de iluminação intensa.

Frisa-se ainda a que o edifício estudado é mais um exemplo de construção modificadora da paisagem, tanto quando ao uso dos materiais e métodos como da sua relevância visual para a região onde o mesmo está inserido.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15220: Desempenho térmico de edificações. Parte 2: Métodos de cálculo da transmitância térmica, da capacidade térmica, do atraso térmico e do fator solar de elementos e componentes de edificações.** Rio de Janeiro, 2003.

BRASIL. **Portaria nº 372, de 17 de setembro de 2010.** Requisitos Técnicos da Qualidade para o Nível de Eficiência Energética de Edifícios Comerciais, de Serviços e Públicos. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, I. E. C. E.: Inmetro 2010.

CARVALHO, Vito Cantarelli De. **Habitar o semiárido: análise das características para implantação de residências no interior do nordeste**. Especialize, Recife, v. 01, n. 006, p. 04-14, dez. 2013.

LAMBERTS, Roberto; DUTRA, Luciano; PEREIRA, Fernando R. **Eficiência Energética na Arquitetura**. 3ª ed. 2014.

MEDEIROS, D; NOME, C; ELALI, G. **Construindo no clima quente e seco do Brasil: conforto térmico e eficiência energética para a zona bioclimática 7**. 15f. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

NASCIMENTO, J.A; BORGES, A.M; MEDEIROS, C.O; PEDRINI, A. **Avaliação do conforto térmico em antiga casa de fazenda no clima quente e seco, no interior do Rio Grande do Norte**. 2013. 10 f. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Araguaia 44, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 57

Astronomia 99, 100, 101, 102, 103, 105, 214, 215, 216, 217, 218, 219

C

Cinema 28, 106, 119, 133, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 229

Comércio 116, 117, 118, 119, 124, 128, 162, 163, 205, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 245, 247, 282

Conservadores 171, 172, 173, 177, 178, 179, 285, 296

D

Democracia 13, 15, 18, 19, 22, 31, 85, 284, 286, 293, 297

Dialética Cultural 183, 189, 190, 191

Ditadura 31, 51, 55, 57, 82, 83, 84, 85, 204, 285, 286, 287, 288, 289, 292, 294, 295, 297

E

Escolas de Samba 284, 286, 287, 290, 291, 293, 297, 298

Estado Transitório 268, 271, 275

F

Família 15, 16, 17, 18, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 49, 54, 55, 108, 121, 125, 144, 162, 184, 195, 198, 202, 217, 218, 245, 247, 250, 251, 302

Ferrovia 33

H

História Cultural 86, 87, 88, 90, 91, 98, 108, 109, 113, 114, 145, 299

História Pública 203, 204, 206, 207, 210, 212, 213

I

Identidade 1, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 22, 25, 26, 29, 30, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 111, 112, 115, 127, 135, 138, 139, 141, 143, 158, 171, 177, 203, 205, 224, 226, 254, 256, 267, 278, 298

Imigrantes Japoneses 243, 244, 245, 248, 249, 251, 252

Indígena Brasileiro 214, 217

M

Memória 44, 114, 115, 149, 150, 156, 158, 203, 243, 254

Memória Aikewara 44

Modernistas 171, 173, 179

Morada Nordestina 58, 66

N

Nacionalismo 23, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 291

O

Organização Curricular 255, 256, 261, 262

P

Pós-Modernidade 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 114, 224

Pós-Neoclássico 268, 271, 275

R

Representação 6, 28, 76, 88, 91, 95, 96, 98, 108, 112, 127, 135, 156, 157, 184, 187, 195, 238, 293

Roger Chartier 86, 87, 88, 90, 91, 97, 98

S

Sociedade Capitalista 13, 14, 15, 21

Sol Nascente 243, 254

T

Teoria Marxiana 13



*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência à História 2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020